

# DISCURSO DO NORTE: METÁFORAS E HIPERBOLIZAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DEPOSSE DA PREFEITA CINTHIA RIBEIRO

# 5

## NORTH DISCOURSE: METAPHORS AND HYPERBOLIZATION IN THE INITIAL STATEMENT OF MAYOR CINTHIA RIBEIRO

### **BOUCHER, Damião Francisco**

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
 Email: boucherplace@gmail.com  
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>

### **SOARES, Thiago Barbosa**

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
 Bolsista de produtividade do CNPq e docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
 E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br  
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

### **RESUMO**

Analisamos neste artigo a materialidade enunciativa discurso de posse. Em nosso percurso analítico, buscamos observar o funcionamento dos processamentos metafóricos e suas implicações para a manutenção das formações imaginárias, sobretudo as projeções geradoras do sucesso político nos discursos de posse. Para tal esforço investigativo, lançamos mão das consagradas noções de interdiscurso, de intradiscurso, bem como das noções de sucesso (SOARES, 2018a, 2018b), de memória discursiva, de metáfora e de hipérbole para descrever e interpretar o acontecimento discursivo “pronunciamento de posse”, da prefeita de Palmas, Tocantins, Cinthia Ribeiro, no dia 1º de janeiro de 2021. Ao final desse empreendimento analítico, buscamos responder como o funcionamento dos processos metafóricos e da hiperbolização pode ressignificar a posição e os sentidos do sujeito mulher no campo político.

**Palavras-chave:** Cerimônia Política. Cinthia Ribeiro. Discurso de posse. Discurso do sucesso político.

## ABSTRACT

In this article, we analyze the enunciative materiality of the inauguration discourse. In our analytical path, we sought to observe the functioning of metaphorical processes and their implications for the maintenance of imaginary formations, especially the projections that generated political success in the inaugural discourse. For such an investigative effort, we used the well-known notions of interdiscourse, intradiscourse, as well as the notions of success (SOARES, 2018a, 2018b), discursive memory, metaphor and hyperbole to describe and interpret the discursive event “pronouncement of inauguration”, by the mayor of Palmas, Tocantins, Cinthia Ribeiro, on January 1st, 2021. At the end of this analytical endeavor, we seek to answer how the functioning of metaphorical hyperbolization processes can re-signify the position and meanings of the female subject in the political field.

**Keywords:** Political ceremony. Cinthia Ribeiro. Inauguration discourse. Political success discourse.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com Soares (SOARES, 2022, p. 37) a mídia, desde muito tempo, tem desempenhado “um grande papel na sociedade brasileira”. Além das funções de informar e de trazer o entretenimento, fazendo parte da cultura de massa, os dizeres da mídia exercem considerável influência ao ponto de gerenciar e de regular os discursos circulantes em sociedade, sendo fundamental para a constituição de muitos discursos, sobretudo o discurso do sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020). No campo midiático, os pronunciamentos de posse de autoridades políticas, bem como os dizeres sobre esses ocupam uma posição de prestígio. Representando “um conjunto de discursos de uma determinada época” (SOARES, 2022, p. 211) e, por conseguinte, uma posição-sujeito, esse tipo de pronunciamento marca o início de um mandato político o qual irá determinar, dentre outras coisas, o sucesso ou o fracasso (esvaziamento de sentidos) de seus dizeres. Além dessa relevância, no campo político, o pronunciamento de posse, fazendo parte de um ritual discursivo, de uma cerimônia política, representa os planos, as promessas e os projetos que conduzirão uma cidade, um estado, uma nação ao nível de progresso desejado pelos eleitores apoiadores do sujeito enunciador. Toda essa representação simbólica é concebida pelos efeitos das formações imaginárias.

Diante disso, procuramos analisar, neste artigo, a materialidade enunciativa discurso de posse. Entre as regularidades e dispersões que se mostram nesse tipo de discurso, buscamos observar o funcionamento dos processamentos metafóricos e suas implicações para a manutenção das formações imaginárias, especificamente as projeções geradoras do sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020) e de sua singularidade enunciativa nos discursos de posse.

Nesse esforço investigativo, esperamos lançar mão das consagradas noções de interdiscurso, de intradiscurso, bem como das noções de sucesso (SOARES, 2018a, 2018b), de memória discursiva, de metáfora e de hipérbole, entre outras de igual valor teórico-metodológico, para descrever e interpretar o acontecimento discursivo “pronunciamento de posse”, da prefeita de Palmas, Tocantins, Cinthia Ribeiro, no dia 1º de janeiro de 2021. Ao fim de nosso empreendimento analítico, nas considerações, buscamos responder como o funcionamento dos processos metafóricos e da hiperbolização, sob a forma de pré-construídos, pode ressignificar a posição e os sentidos do sujeito mulher no campo político.

### **CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

Nesse percurso teórico, procuramos delinear nosso objeto de estudo, a saber, o discurso político entrelaçado com o discurso midiático. Ao especificar sua ordem de funcionamento e sua relevância para a manutenção das formações imaginárias, ensejamos explicar, nessa seção, como o ferramental teórico-metodológico pode contribuir para a demarcação (SOARES, 2019a) de certas formações discursivas e de suas projeções no campo político-midiático, a partir da materialidade linguística pronunciamento de posse. Assim, tomamos as formações imaginárias como projeções que “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Diante do panorama epistemológico supracitado, pontuamos que, ao fazermos menção ao pronunciamento de posse, estamos demarcando a natureza linguística dos processos discursivos. Estes são compreendidos como o “discurso de posse”, de natureza mais sutil, por serem efeitos de sentidos atravessados pelos processos subjetivos e históricos. Dessa forma, começamos por afirmar que os discursos de posse são heterogêneos e carregam consigo outras ramificações discursivas, como o discurso do sucesso midiático e político (BOUCHER; SOARES, 2020).

Estes dois apontam para campos diferentes, com objetivos bem distintos. De acordo com Charaudeau (2013), se o mundo político está ligado ao poder, o mundo das mídias pretende se posicionar contra esse poder e a manipulação. Todavia, “as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública, ainda que o seja para o ‘bem-estar do cidadão’”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 17, aspas do autor)

Desse recorte, pontuamos que o funcionamento midiático, ao invés de manipular, influencia a opinião pública através “dos jogos de poder da sociedade” (SOARES, 2019b, p. 29). Ao refletir acerca do que foi dito no trecho supracitado, observamos que os discursos do sucesso midiático e político, num determinado espaço discursivo (MILANEZ; SOARES, 2022), se movimentam a fim de construir representações as quais aparentemente as colocam em lados opostos, antagonizando valores e objetivos. Todavia, como Soares (2018a, p. 180) assevera, “fazer parecer é um dos mais essenciais usos da mídia”. De outra maneira, ao projetar o ideal de realidade, as projeções midiáticas acabam por tomar o lugar da realidade (SOARES, 2018a), quando influenciam a opinião pública a se filiar à visão de sua formação discursiva.

Sobre as formações discursivas, fugindo à clássica definição pecheuxtiana, mas sem distorcer sua base conceitual, dizemos que em um universo discursivo, há campos e espaços de saberes que delimitam uns aos outros em uma (des)contínua e (des)harmônica (des)acomodação. De outro modo, para se chegar à noção de formação discursiva, primeiramente é necessário compreender o caráter heterogêneo dos conjuntos de pensamentos que formam uma sociedade e nos ajudam a delinear, por exemplo, um pensamento liberal, progressista, conservador, etc., bem como crenças de base religiosa ou de caráter científico.

Em suma, compreender a formação discursiva é perceber seu funcionamento enquanto materializadora das formações ideológicas através da linguagem. Por esse motivo, as formações discursivas têm valor representativo (ORLANDI, 2015), daquilo que pode e deve ser dito em um dado espaço discursivo, num dado território de saberes “no qual não podemos determinar onde é o começo ou o fim” (MILANEZ; SOARES, 2022, p. 7).

Ao fazer um traçado reflexivo sobre essa noção com dois fundadores (Pêcheux e Foucault), Soares (2019a), além de delimitar os traços distintivos que constituem a noção de formação discursiva para a Análise do Discurso, traz também à tona as questões sobre a singularidade enunciativa, a heterogeneidade discursiva e, de forma geral, os procedimentos analíticos para se delinear uma formação discursiva:

Portanto, descrever enunciados de um discurso, nessa perspectiva, consistirá em dar conta de certas especificidades inerentes à dada formação discursiva, pois esses enunciados serão vistos dentro de uma espécie de “organização”, a qual, entretanto, não se confunde com uma grande unidade, mas que precisará ser demarcada (SOARES, 2019a, p. 41).

Do trecho acima, depreende-se a singularidade enunciativa como um traço subjetivo do enunciador, um desejo linguisticamente marcado de sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020) que o faça tentar se destacar dos demais candidatos. Essa projeção da imagem de si como sujeito de prestígio e singular perpassa pelos esquecimentos de ordem enunciativa (o esquecimento nº 2) e de ordem ideológica (o esquecimento nº 1) (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). Ora, distanciando-se do idealismo referencial no qual caímos na ilusão de haver “uma relação direta entre “o pensamento, a linguagem e o mundo” (ORLANDI, 2015, p. 33), Soares (2019a), ao refletir sobre a natureza heterogênea das formações discursivas, retoma em Pêcheux e Fuchs (1997) a distinção entre: a) base linguística (o enunciado produzido por um eu/aqui/agora), ou seja, essa organização enunciativa e; b) processo discursivo o qual “se desenvolve sobre esta base” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 179).

São por essas distinções supracitadas e pela noção de formação discursiva que podemos notar a impossibilidade dos efeitos metafóricos e da hiperbolização virem a ser um fenômeno de caráter puramente linguístico. Se por um lado, não podemos confundir “como uma grande unidade” (SOARES, 2019a, p. 41) esses fenômenos linguísticos (estamos sempre mencionando as metáforas e hiperbolizações), bem como os conjuntos lexicais que delimitam uma certa formação discursiva, por outro lado, precisamos admitir que considerando também as condições de produção e de emergência, através do funcionamento dos dois esquecimentos, a língua (e em extensão semiótica a linguagem) exerce, um papel materializador da singularidade enunciativa, ou melhor, das “especificidades inerentes à dada formação discursiva” (SOARES, 2019a, p. 41), dando ao sujeito enunciador certa ilusão de autonomia nas escolhas lexicais, hiperbólicas e metafóricas.

Ao produzir no próprio sujeito a ilusão de ser o primeiro a enunciar tais dizeres e de que as coisas só poderiam ser ditas daquele jeito e não de outro (ORLANDI, 2015), os esquecimentos reforçam a ilusão da singularidade e, nos jogos de poder existentes na sociedade, catalisam

a busca pelo “poder ser diferente”, pelo “poder dizer diferente” através do discurso do sucesso (SOARES, 2018a). Por conseguinte, o sujeito, ao ser afetado por esses efeitos, precisa se destacar, criar seu próprio espaço discursivo e demarcar sua posição de singularidade. De outro modo, deve estar acima das expectativas eleitorais, porquanto os efeitos do sucesso são “uma espécie de poder que se encontra em poucas ‘mãos’, aproximando-se do efeito do canto das sereias” (SOARES, 2018a, p. 179), inebriante ao ponto de o sujeito acreditar em sua singularidade.

Assim, a língua não se apresenta somente como um “cardápio universal” que se pode lançar mão e selecionar aquilo que se quer. Mais que isso, o sistema linguístico vai representar somente a possibilidade de materialização dos dizeres, mas aquilo que determina o dizer é, de fato, a cadeia discursiva do não-dito, historicamente marcada, estabilizada e continuamente retroalimentada por uma determinada região ideológica na qual o sujeito se filia e se posiciona, acreditando ilusoriamente na singularidade de sua enunciação. Essa posição-sujeito que representa a continuidade histórica “é constitutivamente inconsciente dela mesma” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 177), causando o efeito da singularidade enunciativa do sujeito.

Outro ponto relevante que cabe um melhor aprofundamento acerca do trecho trazido por Soares (2019a), em sua observação sobre as formações discursivas, é a sua natureza heterogênea. Ao afirmar que a formação discursiva enquanto uma “organização”, uma grande unidade, “precisará ser demarcada” (SOARES, 2019a, p. 41), o autor nos alerta para a problemática das tipologias discursivas, visto que se considerássemos analisar o discurso por esse viés, “não terminaríamos nunca de expor as ramificações de tipos e subtipos” (ORLANDI, 2015, p. 84). A noção de “demarcação”, tomada de empréstimo do campo semântico da agrimensura e que Soares (2019a) propõe ao tratar das formações discursivas, possibilita-nos determinar as fronteiras de uma dada formação ideológica a partir de marcos, balizas e sinais linguístico-enunciativos, como as metáforas e a hiperbolização as quais constituem a materialidade do pré-construído em nossa proposta analítica.

Sobre essa noção, ao referenciar os estudos trazidos por Henry (1990) que debruçava sobre as construções relativas e articulações discursivas, Courtine (2014) assevera que o pré-construído representa:

Uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação. Ele marca a existência de um descompasso entre o interdiscurso como

lugar de construção do pré-construído e o intradiscurso como o lugar da enunciação de um sujeito (COURTINE, 2014, p. 74).

Dessa forma, a associação do pré-construído com a compreensão do funcionamento da formação discursiva enquanto uma organização heterogênea de possibilidades parafrásticas (retorno ao mesmo) e polissêmicas (deslizamento) que se estende pelo (des)contínuo histórico, ajuda-nos a apreender a continuidade dos sentidos, marcada pelo interdiscurso. Este, é concebido como o universo de já-ditos e já esquecidos, emergindo no campo da formulação (intradiscurso) como um efeito discursivo ligado à formação sintática.

Além disso, na dinâmica do interdiscurso (eixo da constituição, vertical) e do intradiscurso (eixo da formulação, horizontal) (COURTINE, 2014) o pré-construído faz emergir efeitos de sentidos que são tomados pelo sujeito como evidentes em seus discursos (estamos tocando novamente na questão dos esquecimentos), ou seja, “o que cada um sabe’ e simultaneamente ‘o que cada um pode ver’ em uma dada situação” (COURTINE, 2014, p. 74, aspas do autor).

Nesse sentido, através das noções de esquecimentos nº 2 e nº 1, dos pré-construídos e de formação discursiva, bem como as dinâmicas inter e intradiscurso que marcam a constituição e a formulação dos dizeres, respectivamente, descartamos a possibilidade do discurso, nosso objeto de análise, se tratar apenas de uma transmissão de informações entre interlocutores, passando a ser compreendido, em nosso percurso analítico, como “efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 82, aspas dos autores).

Por sua vez, esses efeitos de sentidos carregam consigo as marcas da subjetividade, produzidas pelas condições de emergência, ou seja, pela posição-sujeito que ocupa um lugar empírico no espaço-tempo das relações humanas. Escapando às evidências do acontecimento discursivo “pronunciamento de posse” como marco absoluto e singular (SOARES, 2020), vemos, no horizonte das (des)continuidades históricas, as relações de sentidos existentes entre discursos. Sobre essa relação de sentido, Pêcheux (1997, p. 77, aspas do autor) afirma que “tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, lançando mão dessa noção, o efeito de caráter originário, atribuído aos pronunciamentos de posse é relativizado (SOARES, 2020) e dissipado.

Ademais, a noção de relações de sentidos, auxilia-nos a compreender que, no traçado histórico das formações ideológicas subjacentes aos enunciados, são as formações discursivas as responsáveis por antagonizarem os discursos, estabelecerem as relações de força e de poder e, por conseguinte, catalisarem o efeito ilusório “do sujeito senhor dos sentidos que (re)produz” SOARES, 2020, p. 176-177).

Feitas tais considerações sobre o funcionamento do ferramental teórico-metodológico da Análise do Discurso, situadas as relações existentes entre discurso, sujeito e história e explanadas as distinções entre singularidade enunciativa, heterogeneidade discursiva, bem como procedimento analítico de demarcação das formações discursivas, passamos à análise.

### **ANÁLISE: METÁFORAS E HIPERBOLIZAÇÃO**

Antes de passarmos aos procedimentos analíticos, é preciso situar nosso movimento descritivo-interpretativo dentro de uma organização didático-metodológica, bem como pontuarmos algumas informações pertinentes acerca do sujeito enunciador. Inicialmente para alcançarmos nosso objeto de análise, o discurso de posse e seus respectivos efeitos, partiremos dos enunciados proferidos pela prefeita de Palmas, Tocantins, Cinthia Ribeiro no dia 1º de janeiro de 2021.

Em seguida, investigando as estruturas sintáticas, os sintagmas verbais e nominais. Apontaremos no dito os processamentos metafóricos, suas estabilizações e seus deslocamentos, assim como verificaremos, no não-dito, as relações de sentidos existentes (PÊCHEUX, 1997) entre o campo da formulação e o campo das memórias. Por fim, demarcaremos a formação discursiva que situa o mencionado sujeito enunciador em dado espaço discursivo de prestígio o qual determina, entre outras coisas, “seu modo de olhar os acontecimentos, sua maneira de ver a vida, e ouvir a história” (MILANEZ; SOARES, 2022, p. 7), assim como projetar a si mesmo como sujeito político de sucesso (BOUCHER; SOARES, 2020).

Quanto ao sujeito enunciador, Cinthia Ribeiro foi esposa do falecido ex-senador João Ribeiro, entrou no meio político de forma direta como vice-prefeita de Palmas, na gestão 2016/2020, do então prefeito Carlos Amastha. Em 2018, assumiu a pasta da prefeitura de Palmas, depois que Amastha se candidatou ao cargo de governador do Estado do Tocantins; foi reeleita para gestão 2021/2024 em pleno endurecimento da pandemia do vírus COVID-19 (FADDUL, 2022), sendo considerada pela opinião pública uma gestora intransigente (COTRIM, 2020).



Após essas observações passamos ao corpus de nossa análise. Em itálico, encontram-se os processamentos metafóricos que representam os deslizamentos “do dizer no processo discursivo” (SOARES, 2018b, p. 117):

Trabalhamos com o *bonde andando* e tendo que *abastecer o avião em pleno voo e trocar o pneu do carro em movimento*. Uma sucessão de arranjos administrativos para encaixar, um orçamento apertado, uma vez que cerca de 70% dele já estava executado, além de uma ampla lista de demandas e problemas da população. [...] que não será apenas um ano novo. *será um mundo novo*. uma cidade totalmente nova remodelada por *uma pandemia de proporções bíblicas*, que ainda insiste em nos tirar do rumo e tirar o nosso foco. [...]. Por mais que palmas tenha *se desviado dos impactos econômicos da pandemia, as feridas ainda estão abertas*. [...] *Esta será a nova Cinthia ribeiro*. A *Cinthia* do canteiro de obras que vocês já conheceram. Agora vão conhecer a *Cinthia* que estará nas feiras, nas ruas, nos centros comunitários, nas empresas, associações e sindicatos, ouvindo e unindo esta cidade. [...] A capital de todos os tocantinenses vai *espalhar o seu calor humano para as demais cidades e ajudar o Tocantins*, cumprindo assim, o seu destino [...]. A capital de todos os tocantinenses está renascendo em nossos corações [...] Obrigado ao nosso *bom Deus por nos ter conduzido* até aqui (RIBEIRO, 2021).

Como mencionado, o recorte supracitado, faz parte do pronunciamento feito pelo sujeito enunciador prefeita Cinthia Ribeiro, no final da tarde de sexta-feira, 1º de janeiro de 2021, na Câmara dos Vereadores de Palmas, Tocantins (REDAÇÃO SECOM, 2021). Em nosso olhar descritivo, considerando o campo sintático-semântico dos enunciados que formam o pronunciamento do mencionado sujeito enunciador, observamos a constituição dos dizeres que se dão pelos processamentos metafóricos e pela figura de linguagem hipérbole a qual é tomada não somente como uma ênfase expressiva resultante do exagero da significação, mas principalmente como um efeito da interdiscursividade. Mais precisamente da relação de sentido (PÊCHEUX, 1997) existente entre a enunciação (campo intradiscursivo) e o já-dito, base constitutivamente histórica.

Diante dessa constatação, temos os três enunciados “Trabalhamos com o bonde andando”, “tendo que abastecer o avião em pleno voo” e “trocar o pneu do carro em movimento” representando outros sentidos distintos de sua base significativa. Em suas formas denotativas, remetem a acontecimentos reais, situados na história que denotam um ato especializado, bastante preciso por parte do sujeito da ação e um alto risco para a sua vida. No campo discursivo, representam os pré-construídos que trazem em sua emergência as memórias, o efeito da exterioridade e da anterioridade (COURTINE, 2014).

Assim, pela interdiscursividade (COURTINE, 2014), ao rastrear os sentidos do sintagma, “com o bonde andando”, nos deparamos com os “primórdios do transporte público no país, onde o bonde elétrico era o principal modal” (SPTRANS, 2021). Pelo fato de sua baixa velocidade e de ser um transporte público aberto, os bondes ofereciam a possibilidade das pessoas embarcarem ou desembarcarem ainda em pleno movimento, ações que, não raras, vinham quase sempre acompanhadas de escorregões, tombos e, por conseguinte, lesões as quais levaram, na década de 1930, tanto o governo de São Paulo quanto do Rio de Janeiro, a tomarem “medidas de segurança no transporte público” (SPTRANS, 2021).

No campo intradiscursivo, ao considerarmos os elementos linguísticos agrupados no enunciado de Cinthia Ribeiro, não como léxicos estruturados de um sistema autônomo, mas como pré-construídos (COURTINE, 2014, p. 74) os quais representam “uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação”, temos no enunciado “Trabalhamos com o bonde andando”, o deslocamento de sentido no sintagma “bonde” que passa a projetar não um transporte público, mas “um mandato”, um período de exercício de um cargo eleitoral já em andamento. Esse sentido de “mandato tampão”, quando um vice-prefeito assume o cargo até uma nova eleição ser realizada, também está engendrado nos sintagmas “avião em pleno voo” e “carro em movimento”, porquanto “avião” e “carro” designam formas de transporte os quais denotam movimento, ligados pelos verbos “abastecer” e “trocar” respectivamente, cuja função sintático-semântica é designar o trabalho do sujeito que, pelas condições de emergência do pronunciamento, reverberam os sentidos de “dar manutenção”, “gerir recursos”, uma vez que o sujeito da enunciação se encontra no cargo de prefeita.

Novamente no campo interdiscursivo, em um “contexto imediato” (ORLANDI, 2015, p. 28), os dizeres de Cinthia Ribeiro, em seu pronunciamento de posse, pela relação de sentido (PÊCHEUX, 1997),

representa uma resposta às críticas tanto da opinião pública, frente à sua postura de fechamento de comércios da capital Palmas, quanto de Carlos Amastha, o ex-prefeito que deixou o mandato para disputar as eleições para governador do Tocantins (COTRIM, 2020).

Nesse sentido, se considerarmos que “não há discurso que não se relacione com outros” (ORLANDI, 2015, p. 37), podemos observar no enunciado “Uma sucessão de arranjos administrativos para encaixar [...] uma ampla lista de demandas e problemas da população” a denúncia de uma situação precária, de um mandato tão complexo de exercer que não dá outra alternativa, para quem resolva assumir, a não ser a de ter que “trabalhar com o bonde andando”, “abastecer o avião em pleno voo” ou “trocar o pneu do carro em movimento”. Em um processo parafrástico, resultante de outra formação discursiva, teríamos esses sintagmas resumidos em: “fazer o improvável”.

Para o sujeito Cinthia, tais enunciados denunciam o sentimento de assumir um cargo já em andamento “com orçamentos apertados” e “demandas e problemas” para serem resolvidos. O ato enunciativo, nessas considerações, trabalha na região de sentidos da restauração da ordem, pois os assuntos administrativos assumem sentidos caóticos e catastróficos, porque o sujeito enunciador, ao selecionar elementos linguísticos que hiperbolizam, isto é, dão uma dimensão maior, uma escala exagerada para as matérias de natureza política, acaba por denunciar o outro do discurso (PÊCHEUX; FUCHS, 1997), aquele da qual o pronunciamento de posse, em parte, é direcionado.

Tal hiperbolização, na relação de sentido (PÊCHEUX, 1997), e de forma subentendida, não responde a uma matéria específica, mas a uma rede de sentidos de desconstrução de imagem que se formou e circulou ao longo de seu mandato tampão. Dada rede de sentidos, em sua maioria, destinava a apontar a administração de Cinthia Ribeiro como péssima (AGÊNCIA TOCANTINS, 2020).

Em uma dessas matérias de natureza depreciativa, o portal de notícias Agência Tocantins traz uma enquete com a pergunta “Como você avalia a gestão da Prefeita Cinthia Ribeiro durante o mandato em Palmas?”. Como resultado, o referido portal aponta que 46,83% dos entrevistados (1.330) consideravam seu mandato tampão péssimo; 24,65% (700 votos) acreditavam que a prefeita fez uma administração ruim; 9,19% (261 votos) afirmaram que sua gestão foi boa; 7,5% dos entrevistados (213 votos) acharam sua administração excelente; 7,46% (212 votos) apontavam como regular sua gestão e 4,37%, apenas 124 votos, elegeram o mandato provisório de Cinthia como ótimo.

Outra dessas matérias que constituem a mencionada rede de sentidos de depreciação é a publicação da Gazeta do Povo, intitulada “Sem trégua nem na pandemia! Amastha critica plano de contingência de Cinthia: “zoa com a vida dos palmenses” (COTRIM, 2020). Esse título, não só nos permite pressupor uma contínua crítica por parte de Carlos Amastha pelo sintagma “sem trégua”, ou seja, sem interrupção, sem suspensão temporária de hostilidades, como também perceber a imagem que o sujeito Amastha faz de si e de sua ex-vice, Cinthia Ribeiro.

Nesse diapasão, pelo sintagma “zoa com a vida dos palmenses” e pela consideração da noção de posição discursiva (PÊCHEUX, 1997), das relações de força e poder, projetadas pelas formações imaginárias em seu discurso, Amastha, ao posicionar sua homóloga como um sujeito irresponsável que “zoa”, ou seja, brinca, debocha, apronta desordem “com a vida dos palmenses”, no oposto, simultaneamente, coloca-se na posição de um ex-prefeito que não brincava com as vidas de seu eleitorado. Diante dessa relação antagônica de formações discursivas, vemos os jogos de poder nos quais o sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020) é buscado a qualquer custo, principalmente desconstruindo a imagem do outro para fortalecer a sua.

Portanto, ao fazermos uma breve imersão ao campo interdiscursivo do pronunciamento de posse de Cinthia Ribeiro, pudemos constatar os efeitos de sentidos, seu endereçamento, bem como as relações existentes entre aquilo que é formulado no contexto imediato e o acontecimento apagado em sua enunciação.

Outros traços hiperbólicos como “não será apenas um ano novo. será um mundo novo”, “uma pandemia de proporções bíblicas” e “Por mais que palmas tenha se desviado dos impactos econômicos da pandemia, as feridas ainda estão abertas” jogam com o deslocamento de campos semânticos distintos, ora maximizando os sentidos de esperança, na troca de “ano novo” (uma extensão temporal curta) por “mundo novo” (uma extensão espacial longa), ora aumentando a escala de complexidade de seu enfrentamento enquanto gestora, com o adjunto adnominal “de proporções bíblicas” que dá ao seu núcleo, “uma pandemia”, o sentido de acontecimento “catastrófico e inevitável”.

Por essa razão, os traços de hiperbolização e os efeitos metafóricos causados pelos sintagmas supracitados, não só nos permite vislumbrar o funcionamento discursivo do pronunciamento de posse, bem como a demarcação ideológica (SOARES, 2019a) de sua formação discursiva de natureza heterogênea. Através do processamento parafrástico, podemos

observar os traços de sua formação discursiva quando, por exemplo, lemos “proporções bíblicas” em vez de “dimensões catastróficas” e “bom Deus por nos ter conduzido” em vez de “eleitor por nos ter conduzido”.

Essas distinções sintático-semânticas nos mostram os efeitos de sentidos do campo religioso trabalhando em diversos sintagmas, ao longo de seu pronunciamento. Sintagmas como “Deus”, “bíblicas”, “renovação de votos” marcam o discurso religioso. Na interseção sintagmas como “crise comportamental” “novas síndromes psicológicas” marcam o discurso científico do campo psicológico e outros elementos linguísticos tais como “modelo de gestão”, “inovação”, “ritmo de crescimento” “aumento de arrecadação”, “comprar” etc., denunciam o campo empresarial em que a formação discursiva da prefeitura se constitui.

Arelados aos processamentos metafóricos, de forma bem-organizada, esses sintagmas redimensionam o pronunciamento de posse pelo estatuto da hiperbolização. Colocam também esse gênero textual-discursivo como mais uma opção a ser utilizada pelos políticos, como um meio de inflamar sua imagem, de buscar prestígio político (BOUCHER; SOARES, 2020), de desconstruir a imagem de seu adversário e, conseqüentemente, de influenciar a opinião pública (CHARAUDEAU, 2013, 2016), através “dos jogos de poder da sociedade” (SOARES, 2019b, p. 29).

Entretanto, o fenômeno da hiperbolização não se encontra atrelado somente a uma metáfora bem delineada ou construções estritamente metafóricas como “trabalhar com o bonde andando”, “trocar o pneu do carro em movimento” ou ainda “abastecer o avião em pleno voo”. A hipérbole também pode se apresentar em construções sintático-semânticas em que a denotação e a projeção da referencialidade coadunam com a realidade e, conseqüentemente, trabalham na tentativa do velamento (ou da eufemização) de certos efeitos hiperbólicos, mesmo eles estando lá, trabalhando em silêncio.

Esse funcionamento silencioso do efeito hiperbólico pode ser observado no enunciado “A Cinthia do canteiro de obras que vocês já conheceram. Agora vão conhecer a Cinthia que estará nas feiras, nas ruas, nos centros comunitários, nas empresas, associações e sindicatos, ouvindo e unindo esta cidade” (RIBEIRO, 2021). Em “A Cinthia do canteiro de obras” temos uma representação referencial “canteiro de obras” e um sujeito limitado a essa espacialidade urbana. Já em Cinthia que estará nas feiras, nas ruas, nos centros comunitários, nas empresas, associações e sindicatos, ouvindo e unindo esta cidade”, deparamo-nos

com uma extensa relação espacial e outra posição-sujeito (PÊCHEUX, 1997): uma perfeita com toda mobilidade, capaz de se deslocar para qualquer ponto da espacialidade urbana, capaz de “ouvir” e “unir” a cidade.

Se por um lado, no mandato tampão, Cinthia constrói a imagem de si como uma gestora do canteiro de obras, trabalhando, mesmo que de maneira limitada, “com o bonde andando”, por outro lado, em seu novo mandato (gestão 2021/2024), suas projeções no pronunciamento de posse tentam apagar as formações imaginárias do fracasso e da irresponsabilidade do mandato anterior (COTRIM, 2020). Assim, suas projeções discursivas tentam abrir espaço para a projeção de uma gestora de sucesso (BOUCHER; SOARES, 2020). Na nova imagem de si em seu discurso, “a nova Cinthia ribeiro” (RIBEIRO, 2021) assume o status de sujeito onipresente, com poderes (quase sobrenaturais, uma fênix que ressurgiu das cinzas da pandemia) de unir uma cidade heterogênea com tantas “demandas e problemas” (RIBEIRO, 2021).

Dessas considerações acerca do funcionamento dos efeitos hiperbólicos, marcamos sua ocorrência não pelo que se diz, mas como se diz (ORLANDI, 2015). O deslocamento que o sujeito enunciador faz ao falar de si, distancia-o do efeito egocêntrico, colocando-o em uma posição de um sujeito de credibilidade. Uma Cinthia distante que projeta a imagem de dois sujeitos distintos: a Cinthia do canteiro de obras e “a nova Cinthia ribeiro”, com sobrenome, marcando a distinção entre nomes próprios, tornando Cinthia sem sobrenome, uma pessoa comum, do passado que, apesar de trabalhar arduamente “com o bonde andando”, isto é, com a gestão Amastha em pleno andamento, não se apresenta onipresente como a nova Cinthia Ribeiro, a gestora de sucesso (BOUCHER; SOARES, 2020).

Por essa razão, o efeito hiperbólico não se apresenta somente em um sintagma ou nos processamentos metafóricos, como os apresentados no pronunciamento de posse de Cinthia Ribeiro. Interligados à interdiscursividade e às condições de emergência de dado enunciado, os efeitos hiperbólicos fazem parte da discursividade na qual a história e os sujeitos, através da língua (PÊCHEUX, 1997), intervêm na afetação dos sentidos.

No caso de Cinthia (com o sobrenome apagado) e a nova Cinthia Ribeiro, dois sujeitos-posições com a mesma referencialidade, ou seja, ocupando o mesmo lugar empírico (o indivíduo), a hiperbolização se delinea no pronunciamento de posse através das projeções históricas

que estabelecem e regulam a relação de força existente entre uma Cinthia Ribeiro com maior poder e mobilidade e uma Cinthia (comum) da gestão anterior, limitada a “um orçamento apertado” com “70% desse orçamento “já executado”.

Ainda sobre a força semântica dos processamentos metafóricos podemos observar em “A capital de todos os tocantinenses vai *espalhar o seu calor humano para as demais cidades e ajudar o Tocantins*” o deslocamento de sentidos no sintagma “A capital” o qual designa o centro administrativo. Assim, considerando as condições de emergência do discurso de posse de Cinthia Ribeiro, o referido sintagma passa a significar “gestão da prefeita”. Consequentemente num processamento parafrástico mais amplo (SOARES, 2018b), poderíamos ter o seguinte enunciado: “A *gestão da prefeita vai difundir seu sucesso administrativo para as demais cidades e ajudar o Tocantins*.”

No entanto, a escolha dessa versão parafrástica supracitada, anularia os sentidos de acolhimento, de conforto e de segurança emergidos do sintagma “*espalhar o calor humano*” e, por conseguinte, o efeito de hiperbolização. Desse ponto, percebemos a metáfora da mãe zelosa que cuida, “*espalha calor humano*” e “*ajuda não só sua cidade, “seus filhos”, mas o Tocantins inteiro*”. Enunciados como “A capital de todos os tocantinenses está renascendo em nossos corações” reforça ainda mais a metáfora da mãe protetora que dá à luz a um novo filho, digo, a uma nova cidade. O processamento metafórico entrecruza e reforça suas projeções pela formação discursiva religiosa, quando traz o sintagma verbal “renascer”, denotando e remetendo assim a uma significação bíblica de “ressurreição”, referência histórica que Cinthia Ribeiro faz ao fato de Palmas estar enfrentando, no momento de seu pronunciamento, uma pandemia de “proporções bíblicas”, isto é, de proporções imensuráveis.

Nessas considerações, percebemos como as metáforas e os efeitos hiperbólicos, atrelados ao potencial heurístico do discurso midiático (SOARES, 2022) constituem a imagem do sujeito enunciatador do pronunciamento de posse. Essas organizações e configurações sintático-semânticas, atreladas às suas condições de emergência e de produção, denunciam uma regularidade nos discursos de posse. Se verticalizarmos nossa análise para buscarmos as memórias da posse, na interdiscursividade, encontraremos em infindáveis pronunciamentos o trabalho das metáforas e da hiperbolização funcionando como marcadores

da singularidade subjetiva, e do destaque político, mas ao mesmo tempo como a demarcação de uma formação discursiva (SOARES, 2019a) na qual, sem ela, o sujeito não pode adentrar no espaço do sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020).

Não muito longe na história tocantinense, podemos ter como exemplo dessa regularidade sintático-semântico-discursiva, o pronunciamento de posse do ex-governador Marcelo Miranda que em 2015 tomava posse pela terceira vez, depois de ser cassado em 2009 (BRASIL, 2018): “[...] Rompemos as amarras com o passado e instalamos um novo tempo no Tocantins. [...] Procuraremos reencarrilhar o nosso estado nos trilhos do desenvolvimento” (MIRANDA, 2015).

Sem perfazer o mesmo percurso analítico, expomos e apontamos o pronunciamento de posse de Marcelo Miranda como interdiscursividade (COURTINE, 2014) e como regularidade histórica de um discurso mais amplo, a saber o discurso político de posse. No trecho supracitado, assim como no pronunciamento de Cinthia Ribeiro, há também a recorrência enunciativa dos processamentos metafóricos e da hiperbolização, funcionando na manutenção das formações imaginárias. No entanto, as condições de emergência e os sujeitos, sua base linguística e o processo discursivo o qual “se desenvolve sobre esta base” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 179), tornam esses dois acontecimentos discursivos distintos um do outro.

Se no discurso de Cinthia Ribeiro, há um sujeito mulher que precisa “trabalhar com o bonde andando” e “trocar o pneu do carro em movimento”, em Marcelo Miranda, temos um sujeito homem que precisa: a) romper “as amarras com o passado e instalar um novo tempo no Tocantins” e; b) necessita “reencarrilhar o nosso estado nos trilhos do desenvolvimento.

Como já mencionamos, nesses processamentos metafóricos, só é possível perceber o funcionamento da hiperbolização se confrontarmos esses enunciados com seus processamentos parafrásticos (SOARES, 2018b), provenientes de uma outra formação discursiva. Assim teríamos: a) “um sujeito-gestor capaz de se desvincular dos vícios das gestões anteriores e promover, no presente, uma gestão eficiente para o Tocantins e; b) proporcionar ao estado do Tocantins um retorno ao desenvolvimento (econômico, ambiental, social, etc.).

Por todas essas considerações feitas no âmbito sintático-semântico-discursivo dos enunciados e de sua possibilidade parafrástica (SOARES, 2018b), já podemos observar diferenças consideráveis nos



valores semânticos do processamento parafrástico. Enquanto em sua base linguística (PÊCHEUX; FUCHS, 1997) permanecem os efeitos hiperbólicos, estes, no processamento parafrástico de outra formação discursiva dada, deslizam-se para outras regiões de sentidos, tornando menos exageradas a capacidade e a força política projetadas pelo sujeito enunciador.

### **CONSIDERAÇÕES**

Após o procedimento analítico, foi possível verificar as dispersões e suas regularidades discursivas em um corpus tão heterogêneo como o pronunciamento de posse. Dando mais ênfase nesse último fenômeno linguístico-discursivo, ponderamos acerca dos processamentos metafóricos (SOARES, 2018b), bem como dos efeitos de hiperbolização nos enunciados do discurso de posse de Cinthia Ribeiro.

Pela interdiscursividade, observamos a constituição das metáforas em pré-construídos como “bonde andando”, “trocar pneu em movimento”, “proporções bíblicas”, “feridas abertas”, “romper amarras”, entre outros. Nessa constituição, observamos ainda os efeitos de anterioridade de alguns desses sintagmas e, em sua atualização (pronunciamento de posse), notamos como as memórias afetam os sentidos e os sujeitos.

Com a análise proposta, também foi possível depreender a impossibilidade da autonomia do sistema linguístico no processamento de produção metafórica e de hiperbolização das ações subjetivas, uma vez que a história reclama seu lugar na constituição dos sentidos (ORLANDI, 2015) e os efeitos dos esquecimentos nº 2, da ordem da enunciação e nº 1 da ordem do ideológico (PÊCHEUX, 1997) procuram apagar as regularidades históricas por um aqui (espaço), um agora (tempo) e um eu (sujeito). Este último, afetado pela ilusão de ser um marco histórico, uma baliza que divide o “lá” e o “aqui”, o “ontem” e o “agora”, define, seleciona e produz seus discursos com uma sorte de elementos linguísticos que, a depender de sua configuração sintático-semântica e de seu direcionamento interdiscursivo, auxiliam nas produções dessas ilusões discursivas, as quais constituem e retroalimentam as formações imaginárias (PÊCHEUX, 1997).

Nessas considerações, o pronunciamento de posse de Cinthia Ribeiro endereçado ao sujeito palmense, além de marcar na história a reentrada de uma mulher, depois de 19 anos, na prefeitura de

Palmas, Tocantins, também retroalimenta o discurso feminista, reaviva a pauta da mulher como protagonista política, como um sujeito de prestígio capaz de exalar “calor humano” para todo o Tocantins e de proteger, como mãe, seu eleitorado, em um cenário endurecido pelo fortalecimento dos discursos antidemocráticos e de ódio ao sujeito nordestino e nortense (SOARES; BOUCHER 2023).

Diante dessas constatações provenientes de nosso percurso discursivo (SOARES, 2022), através da demarcação da formação discursiva de Cinthia Ribeiro como um mosaico heterogêneo de interseções religiosa, científica e empresarial, suscita um questionamento relevante: em que medida o funcionamento dos processos metafóricos e a hiperbolização pode ressignificar a posição e os sentidos do sujeito mulher no campo político?

Longe de responder a esse questionamento, o que nos resta é reconhecer que as regularidades encontradas apontam para um potencial heurístico dos processamentos metafóricos e da hiperbolização na construção dos efeitos de subjetividade e de singularidade enunciativa dos sujeitos do sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020). Consequentemente as formações discursivas (SOARES, 2019a) em que estes são inseridos não admitem elementos de eufemização da imagem do sujeito enunciador.

Ressaltamos que essa discussão pode ser ampliada não como um retorno da histórica questão da subjetivação do sujeito ou das relações de poder e de saber foucaultiana (DELEUZE, 1992), mas como um estudo de entremeios (ORLANDI, 2015); que através da estrutura linguística e do acontecimento social (PÊCHEUX, 2015), das relações de poder enquanto posições discursivas, possa lançar luz aos fenômenos linguísticos-discursivos como os processamentos metafóricos e a hiperbolização, encontrados nos discursos políticos, sobretudo na materialidade “pronunciamento de posse” o qual marca o ápice do sucesso de um sujeito político.

## REFERÊNCIAS

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso do sucesso político nos dizeres de Donald Trump. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. especial, p. 228–243, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9967>. Acesso em: 24 jul. 2023.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discursos de ódio e resistência: sucesso e apagamento na manutenção das relações de poder. **Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 76, p. 126–141, 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14426>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **TSE cassa mandatos do governador do Tocantins e de sua vice**, 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Marco/tse-cassa-mandatos-do-governador-do-tocantins-e-de-sua-vice>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**; tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião Pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas; tradução Ângela M. S. Corrêa, SP: Contexto, 2016.

COTRIM, Maju. Sem trégua nem na pandemia! Amastha critica plano de contingência de Cinthia: “zoa com a vida dos palmenses”. *Gazeta do Norte*, 2020. Disponível em: [https://gazedocerrado.com.br/sem-tregua-nem-na-pandemia-amastha-critica-plano-de-contingencia-de-cinthia-zoa-com-a-vida-dos-palmenses/#google\\_vignette](https://gazedocerrado.com.br/sem-tregua-nem-na-pandemia-amastha-critica-plano-de-contingencia-de-cinthia-zoa-com-a-vida-dos-palmenses/#google_vignette). Acesso em 24 jul. 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

DELEUZE, Gilles. *Conversações 1972-1990*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

FADDUL, Juliana. Cinthia Ribeiro: 'Palmas não estava preparada para ter uma prefeita mãe'. **Marie Claire**, 2022. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/Politica/noticia/2022/03/cinthia-ribeiro-palmas-nao-estava-preparada-para-ter-uma-prefeita-mae.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. Trad. João Wanderley Geralde e Celene Margarida Cruz. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, SP (19): p. 43-64, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636825/4546>. Acesso em 6 set. 2021.

MIRANDA, Marcelo. Discurso I do governador Marcelo Miranda. **Secretaria da Comunicação**. 2015. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/discurso-i-do-governador-marcelo-miranda/1lbv4jtmlwvx>. Acesso em 20 jul. 2023.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et

al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. a propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

REDAÇÃO SECOM. Em cerimônia de posse, prefeita Cinthia Ribeiro reafirma compromissos para novo mandato, **Prefeitura de Palmas**, 2021. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/portal/noticias/em-cerimonia-de-posse-prefeita-cinthia-ribeiro-reafirma-compromissos-para-novo-mandato/26910/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RIBEIRO, Cinthia. Prefeita Cinthia Ribeiro: pronunciamento. **Prefeitura de Palmas**. 2021. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/media/orgao/documentos/Pronunciamento.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (org.) **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados – São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa. Formação discursiva: uma noção com dois fundadores. In: **Leitura, discurso e produção dos sentidos**: múltiplas abordagens. Osalda Maria Pessoa (org.). Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019a. p. 37-51

SOARES, Thiago Barbosa. Teoria Crítica e Análise do Discurso: a mídia como objeto comum. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 21–38, 2019b. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/615>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da análise do discurso. In: **No campo Discursivo**: Teoria e análise. São Paulo – SP: Pontes Editores, 2021. p. 167-187.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

RECEBIDO EM: 11/08/2023

ACEITE EM: 26/10/2023